

A GLORIOSA ASNEIRA DE CASAR-SE

Amor e casamento no início do século.

CLÁUDIO DENIPOTI¹

RESUMO

Este artigo busca compreender a leitura do início do século quanto a questões relativas à sexualidade masculina, buscando cruzar os leitores de obras sobre sexualidade (a partir dos registros de leitura da Biblioteca Pública do Paraná) com seus próprios escritos sobre o tema. Busca também reconstruir as representações do casamento realizadas pelos escritores curitibanos desse período.

Palavras chave: sexualidade masculina, casamento, literatura

Introdução

Ao iniciar a pesquisa sobre a sexualidade na virada do século, pouco sabia quanto aos caminhos que tal trabalho assumiria. Igualmente, ao ter contato com os livros de registros de retiradas da Biblioteca Pública do Paraná que sobreviveram às más condições de arquivamento, desde 1911 até aproximadamente o final da década de 1930², não

¹ Mestre em História Social e Doutorando em História das idéias na Universidade Federal do Paraná. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina.

² Este texto é resultado do trabalho realizado no mestrado em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Euclides Marchi, que resultou na dissertação *Páginas de prazer*; a sexualidade através da leitura no início do século (Curitiba, 1994). Uma primeira versão deste artigo foi publicada no *Boletim do Departamento de História da UFPr*, n. 31, de julho de 1994. Gostaria de agradecer particularmente a Antonio César de Almeida Santos e Maria Christina Baptista Pinto por sua leitura cuidadosa deste artigo.

esperava que, em virtude de tais registros, a grande preocupação que até então norteara minhas pesquisas e indagações teóricas - a sexualidade - fosse relegada a um papel coadjuvante. Esperava menos ainda que a história da leitura - outra antiga paixão - assumisse a função de protagonista.

Contudo, uma história da leitura, qualquer que seja, implica em uma ampla gama de considerações, revisões e possibilidades metodológicas, muito bem definidas por Robert Darnton³. Resta-nos buscar, na medida que as fontes o permitem, os limites dessa história.

Essas fontes foram, além dos livros de registro, as obras contidas no acervo daquela biblioteca e a busca daquilo que os leitores ali registrados deixaram em seus próprios escritos e que pode nos permitir compreender suas leituras.

A Biblioteca Pública do Paraná (BPPR), fundada em 1857 e mantida em estado de semi-esquecimento por todo o restante do século XIX, possui, em 1911, ano em que se iniciam os registros sobreviventes, 2.183 volumes sobre todas as áreas do conhecimento humano. Em 1919, ano que estabeleci como baliza final, seu acervo estava reduzido a 950 volumes.

Ao levantar os dados contidos nos livros de retirada da BPPR, iniciamos com o primeiro ano encontrado - 1911 -, anotando todos os registros que sobreviveram à degradação (459). Prosseguindo, busquei anotar somente as obras de literatura e/ou aquelas que dissessem respeito imediato ao tema da sexualidade humana, a maioria identificada apenas por seu título, para o período 1912-1914 (1.517 retiradas, compondo 45% do total dos registros). Em uma etapa final, fichei 1.345 retiradas das obras de oito autores: José de Alencar, Aluísio de Azevedo, Giovanni Boccaccio, Assenio de Chatenay, dr. P. Garnier, Manoel de Macedo, Paolo Mantegazza e Eça de Queiroz, para o período 1915-1918 (26% do total de retiradas).

Isto feito, pude passar para a etapa seguinte da pesquisa, qual seja, buscar nos periódicos e publicações das primeiras décadas do século XX, os escritos dos inúmeros leitores (as mulheres só passam a freqüentar assiduamente a BPPR no final do período e, mesmo assim, em número bastante reduzido) que constavam dos registros. Uma pesquisa sumária

³ DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história; novas perspectivas*. São Paulo : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

apontou alguns nomes. A maior parte deles, porém, tinha pouca representação no universo de leitores, ou escreveu sobre temas bastante específicos referentes a suas profissões - advogados em sua maioria. Algumas exceções existem, o que é mais do que suficiente para os propósitos deste trabalho: buscar construir as possibilidades que as fontes oferecem para uma história da leitura em um ensaio sobre o casamento, partindo dos registros de retiradas em dois aspectos: as obras consultadas e seus leitores.

No que diz respeito àquelas primeiras, escritas principalmente a partir de meados do século XIX, em um amplo contexto de debates e lutas pelo papel da mulher na sociedade, do casamento, e de diversos outros comportamentos sexuais⁴, essas obras traziam uma parte da polêmica para o universo reduzido dos leitores curitibanos.

Na primeira parte deste trabalho interessa-nos acompanhar o ambiente intelectual de Curitiba nas primeiras décadas do século XX. Buscar-se-á, na profusão intelectual de então, as representações do casamento que estavam sendo feitas, senão pelos leitores propriamente ditos, ao menos por seus pares: jovens escritores e intelectuais responsáveis por um grande número de publicações. Em uma segunda etapa, procurar-se-á ver como alguns desses autores abordavam a questão do casamento em suas obras. Inicialmente, o médico francês P. Garnier, cuja obra *A geração...* é o trabalho de medicina mais consultado no período. Em segundo lugar, aparece o etólogo inglês Samuel Smiles, que publicou várias obras sobre comportamento humano, incluídas no *corpus* dos livros retirados. O terceiro a ser visto é o antropólogo italiano Paolo Mantegazza, cuja *Hygiene do amor* é muito requisitada pelos leitores. Além desses, incluiu-se um pequeno exemplo da vasta gama de literatura acessada pelos frequentadores da BPPR, utilizando uma obra de Aluísio

⁴ Ver: DEGLER, Carl. What ought to be and what was: women's sexuality in the nineteenth century. *The American historical review* 79 (5), dez/1974; HULL, Isabel, V. The bourgeoisie and its discontents: reflections on "nationalism and respectability". *Journal of Contemporary History*, 17:(2):247-268. abril,1982. /Sexuality in History/; GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*; a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. _____. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*; a paixão terna. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. TYLOR, Peter. Denied the power to choose the good. Sexuality and mental defect in American medical practice. 1850-1920. *Journal of Social History*, 10(4):472-489. jun/1977. Para o caso mais específico de Curitiba, ver, por exemplo, TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias*; mulheres de Curitiba na Primeira República. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.

de Azevedo e outra do português Eça de Queiroz. Finalmente, retornando às fontes originais, buscarei, nos escritos de um daqueles leitores, suas próprias interpretações e representações do casamento, mapeando, simultaneamente, o universo de suas leituras.

Neste percurso apresentam-se dois objetivos. Um, mais imediato, é o recorte da questão do casamento nas várias etapas descritas acima. Aqui, a história da família é privilegiada dentro de várias delimitações. Há a busca de compreensões de uma elite intelectual quanto ao casamento e suas fontes de informações. O segundo objetivo, mais amplo e complexo, é a inferência, a partir desses mesmos recortes, de como esse grupo social poderia ler as informações contidas nas várias obras à sua disposição. Buscar-se-á aqui uma história da leitura, ou das leituras que eram possíveis serem feitas e intercambiadas dentro daquela sociedade.

Infelizmente, há uma questão que este trabalho não poderá responder, dadas as peculiaridades das fontes: qual pode ser a influência de tais representações do casamento sobre os comportamentos das pessoas envolvidas na produção dessas mesmas representações? Uma resposta minimamente convincente exigiria uma pesquisa muito mais ampla, generalizante e profunda que, sem sombra de dúvidas, merece ser feita.

Escritores e Casamento: O Caso D'o Olho da Rua

A cidade em que foram lidos os livros do acervo da BPPR era de uma surpreendente efervescência intelectual⁵. Enriquecida pelo comércio do mate e preocupada com sua própria urbanidade, Curitiba era o pólo regional do Paraná tradicional que manifestava suas qualidades através de um grande número de publicações periódicas e de livros escritos por filhos da terra⁶.

Uma dessas publicações chama a atenção pela profusão de opiniões transmitidas e assuntos abordados. A partir de suas páginas tentarei ambientar os frequentadores da BPPR. Trata-se d'*O Olho da Rua*, revista quinzenal auto-intitulada humorística, que circulou em Curitiba e

⁵ TRINDADE. *Clotildes...* e CORDIOLLI, Marcos Antonio. O Olhar de um ponto diverso; as gêneses de um idílio: a trajetória de Dario Vellozo. *Boletim do Departamento de História*. Série Monografias 01; Mar./1989. / Projeto: "O viver em uma sociedade urbana - Curitiba, 1890-1920/.

⁶ PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Fazendeiros, industriais e não morigerados; ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 1990. TRINDADE. *Clotildes...*

região, de 1907 a 1911⁷. Nela, um grupo de escritores que tinha em comum seu amor pela arte e seu anticlericalismo ferrenho, características expressadas *ad nauseam* em cada um dos números d'*O Olho*, deixou suas impressões sobre toda uma miríade de assuntos.

Esses escritores manifestavam, simultaneamente, uma complexa rede de representações do espaço urbano que pode tornar mais fácil compreendermos escritores e espaço. Eles integravam e entregavam-se - ao menos em seus textos - ao espaço de sociabilidade que os circundava, de modo avassalador, perscrutando-o e construindo-o.

Na idealização do espaço urbano a que somos convidados a penetrar, os escritores encontram um local adequado à socialização de suas experiências no campo da sexualidade: uma roda de amigos bebendo cerveja, à saída do *Mignon Theatre*, é uma boa ocasião para tais trocas. É interessante observarmos que à experiência é atribuído o mais importante papel, durante o século XIX, na transmissão de informações sobre sexo e sexualidade⁸.

O espaço urbano em que nossos autores circulavam - e que era circulado em seus textos - é essencialmente boêmio, mágico. Os cinemas e os teatros, bares e bordéis, são descritos com a familiaridade dos assíduos frequentadores. O espaço não é descrito detalhadamente, ele é apenas o ambiente natural por onde eles - e, na maior parte dos casos, seus leitores - circulam. É comum a autores e leitores, dispensando, dada sua familiaridade, maiores descrições. Das confusas entradas à porta do cinema⁹ a eventuais fugas de intempéries no *Mignon Theatre*¹⁰ e aos

⁷*O Olho da rua*, juntamente com um número de outras publicações que muitas vezes reuniam os mesmos autores, era parte integrante e signo da “efervescência” cultural da cidade. Alguns dos autores que escreviam ali eram Alberto Teixeira (Columero), João Baptista Carvalho (Rodrigo Jr.), Ildefonso Pereira Correia - o filho - (I. Serro Azul, Jeca Rabecão), Augusto de Carvalho (Braz Patife) e Euclides Bandeira, entre outros. Muitos desses escreviam também para outros periódicos como *Fanal* e *Club Coritibano*. Além de *O Olho da Rua*, para 1907 e parte de 1911, utilizamos também, neste trabalho, os periódicos *O sapo*, para 1898 a 1900, e *A penna* para 1897.

⁸ GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*; a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Ver também a nota 24 do primeiro capítulo.

⁹ “[...] não imaginas, minha boa amiga, as saudades que eu tenho dessa nossa Curityba com toda a sua boa fortuna de coiós e esse bello Colliseo onde nas boas tardes de domingo, quando o sol permite, nós tanto nos divertimos a dar encontrões a torto e a direito, isto sem falar nos apertões da entrada do cynematographo...” “Cartas de...uma moça”. *O olho da rua*. Curitiba, a. I, n. 16, s./p. 30/ nov./ 1907; “O Naurindo suava, mas ia furando, tendo à retaguarda um *bond* de mocinhas tagarelas.” GIL PACHOLA

encontros onde amigos trocam suas experiências no intervalo ou no final das “sessões” do cinematógrafo, o espaço da sociabilidade é também onde essas pessoas vêm e registram suas representações do que, à época, eram manifestações de sexualidade.

O cinema funcionava como um centro de lazer e entretenimento, com shows musicais, bailes e bares complementando as exibições cinematográficas. O *Mignon Theatre* e o *Colliseo*, entre outros, eram o foco de atração da vida noturna, para onde convergiam não só os boêmios urbanos, mas também as famílias da cidade e do interior, funcionando inclusive como signos de uma certa modernidade, uma espécie de vórtex de vida social que se torna imperioso aos que a experimentam¹¹.

As ruas, da mesma forma, ainda que constantemente enlameadas - o mau tempo curitibano é há muito tempo cantado em verso e prosa¹² - são espaços merecedores de representações. Falando sobre o projeto de embelezamento da cidade prometido pelo dr. Caio Machado e divulgado na imprensa, “Licério” tem uma opinião muito clara de qual deve ser a função da cidade moderna:

- Mas, eu pergunto, sae ou não sae este projecto?

[...]

- Eu quero ver logo o início desta transformação nella. Porem, nem mais se fala siquer? Isso dá para a gente duvidar.

(BANDEIRA, Euclides). “Desastre”. *O olho da rua*, Curitiba a. I, n. 07, s./p., 07/ jul./ 1907.

¹⁰ DIAVOLO (BANDEIRA, Euclides). “Veronica”. *O olho da rua IV* (01); 27/ mai./ 1911.

¹¹ É o caso da história do interiorano que, encantado com o cinematógrafo, trás sua família (mulher e várias filhas) para Curitiba. Estas, uma vez na cidade, fazem compras para seguirem as modas urbanas e arruinam o dito cujo; no retorno ao interior ele suicida-se. “Depois desse desastre, a família de Jerônimo transportou-se de vez para Curitiba, onde a viúva vive maritalmente com um cabo de polícia, duas filhas casaram, separando-se logo dos esposos que não suportavam suas exigências”. NELSON. “Lar desfeito”. *O olho da rua*, Curitiba, a. IV, n. 04, s./p., 08/ jul./ 1911.

¹² “Benedicta a lama que por estes dias ultimos tem tapetado as ruas da cidade com suas formidáveis camadas peganhentas. Eu digo benedicta porque as damas gostam immenso de arrepanhar as saias por luxo mais do que por asseio, e, ainda mais do que por isso, para a exibição da perminha roliça.” GABRIEL. “Chronica elegante”. *O olho da rua*, Curitiba, a. I, n. 05, s./p., 08/ jun./ 1907; “Choveo aos potes por ahi [...] Enquanto lá por cima, pelas nuvens, roncavam trovões pesados e redondos e as ruas intransitáveis a vao impediam o *flirt* delicioso do bom tom, os povos empenhados na boa conducta dos destinos pátrios se ficavam por casa resolvendo o sério e momentoso problema do povoamento do solo”. GABIROL. “Chronica da Rua”. *O Olho da Rua*, Curitiba, a. I, n. 11, s./p., 07/ set./ 1907.

- Pois sim, duvidando, fiquemos a imaginar o subitito progresso de Curitiba - longas avenidas, por onde hão de passar suaves perfis de virgens sonhadoras e almas de moças recebendo a alegria comunicativa da luz... e outras cousas que não podemos dizer, porque estamos, neste assumpto social, como os crentes de Moyses, - si me não trae a memória - contemplando, de longe, a Terra Prometida, que o profeta mostrava...¹³

Idealizações que correspondem a um complexo universo de composição urbana, interessam muito mais pelo que desejam ver do que pelo que dizem da cidade. É desnecessário comentar que o exemplo europeu era mantido em mente nesses momentos, seja quanto ao espaço físico - “longas avenidas”, ruas sem a lama e o lodo do inverno - seja quanto a um espaço psicológico - amores à primeira vista, na rua, em “tardes de bom humor, de boa digestão”, maços de cartas encontradas ao acaso pelas ruas da cidade - numa confusão urbana bastante próxima do caos parisiense ou londrino que inspira nossos autores. São alusões semi-silenciosas a uma multidão que surge e preenche totalmente as dimensões do espaço, que se acelera e torna os encontros casuais a pedra fundamental do convívio social.

Uma tal percepção de espaço não é somente conformadora de comportamentos e representações, como também refaz um percurso que sai do espaço urbano socializado e socializante, individualiza o objeto do desejo sexual, representando-o exatamente como objeto de desejo. A sexualidade é, portanto, uma feição privilegiada do espaço assim compreendido. E como esse espaço é, senão exclusiva, ao menos predominantemente, o terreno do *flirt*, do namoro, dos jogos de sedução, da troca de experiências, o casamento como instituição de pertencimento mútuo dos cônjuges é excluído pelos escritores que o relegam a terrenos menos pantanosos e mais aceitos dentro do *establishment* social.

A seguir, uma das muitas crônicas contidas nas páginas d’*O Olho*:

Raro era o dia em que o meu velho amigo Simphronio não me vinha divertir com um dedinho saboroso de sua prosa fluente e prasenteira.

A vida coritibana, elle a relatava, em todas as minudencias, conhecia meio mundo e dos factos antigos tinha uma erudição, uma memória que fazia gosto. [...]

Tempos atraz, o Simphronio perdera a sua habitual alegria e loquacidade de antes. Se tornara cabisbaixo e pensativo.

¹³ LICÉRIO. “Criticando”. *O olho da rua*, Curitiba, a. I, n. 02, p. 18, 27/ abr./ 1907.

Intrigado com a mudança, arrei-lhe a cilada e elle cahio, muito sério e confidente: estava apaixonado...

-Deves conhecel-a, disse-me então, é orphan de pae, mora com a mãe...

Aqui eu esfreguei o pé na calçada (também, havia tanta lama!...) inquirindo-o: e os dotes... que tal?

- Ella não os tem, porém...

- Não é isso, atalhei; os dotes phisicos?

- Ah sim, as qualidades pessoais, intrínscas, não é verdade?

É linda como os amores, laboriosa e dilligente que nem uma formiguinha e depois, que olhos, que bocca e que sorriso... É um achado, meu amigo Helio, é um achado...

Cortei-lhe o entusiasmo, aconselhando-o paternalmente: mas Simphronio, veja bem: o casamento é o passo mais grave, mais arriscado e audacioso que um homem pode dar... Isso que vocês chamam amor não é mais do que uma forma especial de ociosidade. O amor, o verdadeiro amor é raro como o corvo branco. É sob a impressão desse sentimento sublime que surgem os poemas e as epopéias. Não se conhece uma obra de arte, uma página inspirada, uma poesia, sem a coesistencia divina de um grande amor.

Mas é preciso não confundir os impulsos nobres da alma com os caprichos naturaes do egoismo.

Como queres tu, meu Simphronio, convencer-me de que amas essa mulher unicamente porque a viste na rua 15, por uma tarde de bom humor, de boa digestão?...

O Simphonio ouviu estas palavras sem perturbar-se, pelo contrário; a sua physionomia tinha a apparencia expressiva de uma ternura barata e vulgar, de quem mentalmente, vê a namorada passar, arrepanhando intencionalmente as saias.

Despedimo-nos e eu murmurei sosinho: é um caso perdido...¹⁴

“Hélio”, o autor desta crônica, é o pseudônimo de Euclides Bandeira, um dos intelectuais que escrevem n'*O Olho da Rua*. Esta crônica é exemplar de um certo tratamento dado por esses literatos curitibanos do início do século à questão do casamento. Simphronio, o amigo sempre alegre, perde sua “habitual alegria” e torna-se preocupado, pensativo, sério. Tal mudança é inexoravelmente ligada a assuntos sentimentais: “estava apaixonado...”. Note-se que tais assuntos não são tratados levianamente - e nem podem sê-lo, segundo o autor. Simphronio transmutava-se de alegre que era em um quase depressivo. É também sério que inicia suas confidências. Nessas, a idealização do objeto de

¹⁴HÉLIO. “Na Esquina”... *O Olho da Rua* 1 (10); 27/ ago./ 1907; s.p.

estima: laboriosa, diligente, bela. O autor intervém aqui para servir de conselheiro e pai, numa transferência que também objetiva dar um tom de seriedade ao assunto. O casamento é “arriscado”, “grave”, e não deve ser confundido com a forma de ociosidade que, segundo ele, se confunde com amor; é o amor puro que deve fundamentar o casamento.

Há algumas pistas interessantes aqui, e a primeira é a própria identificação entre amor e casamento, obra recente no mundo ocidental¹⁵. O amor é descrito no melhor estilo romântico do século XIX - “o amor, o verdadeiro amor é raro como o corvo branco” - sendo apresentado como o marco instaurador de toda e qualquer arte. O casamento é, na medida em que se identifica com *esse* tipo de amor, uma atitude de peso paquidérmico. Por exclusão, pode-se entender que qualquer casamento que ocorra sem a devida equação com esse amor é um dos “caprichos naturais do egoísmo”. Mais ainda, é recheado de sentimentos vulgares, e não de “impulsos nobres da alma”. É, enfim, o terreno do maldito, o espaço das experiências baratas, a terra da perdição - “é um caso perdido” -, é o inferno... dos homens.

É o mesmo tipo de sensação que se percebe na história de Sezefredo, que:

Nunca foi homem feliz, ao contrário, sempre andou com a macaca nas costas [...]. É verdade que quasi todas as suas desgraças provinham de mulheres. Por via dellas curtiu pedacinhos amargos, levou bordoadas, facadas, um balazio, nas nadegas, felizmente. Ainda devido a uma mulher aconteceu-lhe a maior de todas as calamidades: casar. De uma hora para outra apaixonou-se furiosamente de uma mocinha petulante, que, por sua vez, inopitadamente se incendiára de paixão pelo Sezefredo¹⁶.

Sezefredo, como Simphronio, é um infeliz que sofre nas mãos de anjos (de)caídos, torturadores que mostram sua face horrível somente após o enlace matrimonial. Se antes do casamento sofria por mulheres, após, sofre nas mãos de uma única, que o vigia com ciúme mortal. Este é o destino dos “coiós” - epíteto reservado, à época, para os apaixonados, homens e mulheres. Se, porventura, a paixão inicial levou ao casamento, este, impreterivelmente levará ao tédio, e o tédio ao conflito. Quando Sezefredo sai em busca de prazer, a crise de ciúme conseqüente leva-o a

¹⁵ Ver, por exemplo, MACFARLANE, Alan. *História do casamento e do amor*; Inglaterra, 1300-1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹⁶ “O zumpz”. *O olho da rua*, Curitiba, a. I, n. 14, 26 / out. / 1907.

dormir no escritório. O casamento é a “tragédia após o romance” e o “espectro” que acompanha o amor e o “transmuta em sujíssima pinóia”¹⁷. É o fim de todas as possibilidades de felicidade:

Quando a gente se casar
- O que será qualquer dia -
seremmos unha com carne
A José disse a Maria

Casaram-se. A esperança
foi logo realizada:
Andaram o noivo e a noiva
Constantemente á unhada¹⁸.

O casamento e o amor aparecem como elementos dissociados. José e Maria, Sezefredo ou Simphronio podem ter, na mente de seus criadores, experimentado um sentimento como aquele descrito por Hélio, mas qualquer que tenha sido esse sentimento, ele está fadado a transformar-se em tédio e em conflito, uma vez celebradas as bodas. Mesmo assim, casar-se passa a ser mais que o rito de passagem para o universo da responsabilidade social que os historiadores nos mostraram ter começado a existir no Ocidente em fins do século passado¹⁹, o casamento torna-se um erro necessário:

Casae, casae! Indiscutivelmente
Essa é a asneira mais bella, com certeza
É a mais rija e gloriosa cabeçada!²⁰

Essa representação do casamento é de tal maneira recorrente que, se se fosse mostrar todos os exemplos recolhidos somente em *O Olho da Rua*, este seria um longo texto composto exclusivamente de citações.

¹⁷ FRA DIAVOLO (BANDEIRA, Euclides). “Quando acaba o amor”. *O olho da rua*, Curitiba, a.I, n. 11, s./p., 07/ set./ 1907.

¹⁸ *O olho da rua I* Curitiba, a. I, n. 04, p. 56, 25/ mai./ 1907.

¹⁹ Ver: FLANDRIN, Jean Louis. *Families in former times*; kinship, household and sexuality. Cambridge: Cambridge University Press, 1980. _____. *O sexo e o ocidente*; evolução das atitudes e dos comportamentos. São Paulo: Brasiliense, 1988. SHORTER, Edward. “Illegitimacy, sexual revolution and social change in modern Europe”. *Journal of interdisciplinary history*, v. II, n, 02, 237-272, autumn, 1971. _____. *Naissance de la famille moderne*. Paris: Seuil, 1977, só para ficarmos em dois exemplos.

²⁰ “Contractos Nupciais”. *O olho da rua*, Curitiba, a. IV, n. 02, s./p., 10/jun./ 1911.

Nesse sentido, o casamento visto como espaço do fim da liberdade e da sexualidade, mostra o quanto esse grupo de escritores valorizava a individualidade de sua juventude, as possibilidades sensuais oferecidas pelo convívio social urbano. Casar-se, principalmente com uma pessoa possessiva e ciumenta, era render-se a uma dominação castradora.

Difícilmente a felicidade - entendida como a satisfação de desejos sexuais em uma relação afetiva profunda - dá-se dentro do casamento. Exceções são feitas ao período inicial, principalmente à primeira noite, quando efetivamente se atinge um certo grau desta felicidade, em um misto de inocência e malícia:

- Entre...- balbuciou o noivo, a voz tremula de emoção.
Ella hesitou
- Entre... - repetio amoroso
Ella hesitou ainda
- Entre... - disse mais terno.
Ella avançou tímida
[...]A lingueta do fecho, lubrificada, deslisou doce.
Sós!... E a luz desmaiou pudica.. penumbra discreta dos quartos nupciais... Supplicas e beijos envoltos num murmurio subtil como as brisas mansas. Arrulhos amorosos quaes nos pombaes felizes...
[...]E ella sentio ao ouvido, baixinho, mas febril, uma supplica jamais ouvida. Seos labios tremeram e sua voz tremeo, mas ella, num cicio quasi imperceptível, acedeu:
- Sim...
E o noivo foi tirando a grinalda e o vestido setineo desabotoando.
Em breve o collete cor de rosa foi posto também sobre um móvel.
E os seios saltaram indiscretos, gentis, como no ninho quente e macio, saltarem passaritos implumes, de bicos rosados...
Ella os quiz occultar, mas elle já os tinha beijado...
Enfim...
[...] A luz da lampada desmaiou mais e mais, num último alento, moribunda.
Enfim...²¹

Mas a felicidade, no mais das vezes, é antônima ao casamento, como nos vários exemplos cômicos mostrados até aqui. Ela é buscada, por esses autores, em amores que sequer consideram o casamento como

²¹ FARIA, Roberto. "Enfim Seuls". *O olho da rua*, Curitiba, a. I, n. 11, s./p., 07/ set./ 1907.

possibilidade de tornar concretas as delícias do amor. Amor e felicidade, quando são representados, excluem qualquer alusão ao casamento.

É com esta noção de uma felicidade essencialmente celibatária, de flerte e sedução, que podemos compreender porque o casamento só pode ser, para tais pessoas, pernicioso. Ele limita a felicidade, tira o indivíduo do universo social, do espaço feérico da sedução, e transfere-o para aquele do pertencimento mútuo, do sentimento de posse que leva ao ciúme e às crises. O retorno à felicidade, uma vez preso nas garras ciumentas do casamento, é obtido somente pelo abandono do cônjuge, onde, geralmente, a mulher tem um fim degradante, tornando-se, por exemplo, “*Chanteuse* de cafés de ínfima classe”, enquanto o marido, “só, como se fosse solteiro, [recomeça] novamente a viver feliz”.²²

O Olho da Rua e outros periódicos mais ou menos efêmeros que circularam desde a última década do século XIX, serviram de veículos para toda uma geração de escritores paranaenses. Esses periódicos, essencialmente simbolistas, caracterizam-se pela profusão de nomes a eles ligados. *Club Coritibano*, *O sapo*, *A rolha*, *Fanal*, *Stelario*, *Pallium* e *A carga* são algumas dessas revistas e jornais onde colaboraram nomes como Euclides Bandeira - sob diversos pseudônimos: *Hélio*, *Gil Pachola*, *Fra Diavolo*, *Diavolo* - o caricaturista Mario de Barros, os poetas Cícero Marcondes França, José Gelbcke e os escritores Adolpho Werneck, Reinaldino Antonio Scharffenberg de Quadros, Clemente Ritz, José Gonçalves de Moraes, entre outros.²³

Esse escritores, divididos posteriormente em grupos - como os *novos* ou os *novíssimos* - escreviam simultaneamente para vários jornais e revistas, em uma contínua troca de estilos, experiências e opiniões. Um outro exemplo desse tipo de imprensa periódica é *Fanal*, órgão literário do *Novo Cenáculo*²⁴. Inicia-se em 14 de maio de 1911, tendo como redatores Oscar Martins Gomes, Manoel Lacerda Pinto, Tasso da Silveira e José Guahiba, com periodicidade inicialmente quinzenal, depois mensal, até 1913. Oscar Gomes escreve no editorial do primeiro número:

²² BALLÃO, Viriato. “Bilhete salvador”. *O olho da rua*, Curitiba, a. I, n. 03, s./p., 24/jun./ 1911.

²³ *DICIONÁRIO histórico-biográfico do Estado do Paraná*, op. cit. / Sob o nome de cada autor citado/. Ver, sobre *O Paraná*, mais uma revista do período, BERBERI, Elizabete & RODRIGUES, Marília Mezzomo. *A “urbs” viciosa; a crônica está além da notícia*. Curitiba, 1992. Monografia, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

²⁴ BERBERI & RODRIGUES, ... p. 151-159.

“Literatura é o programma do Fannal. Conta elle com um excelente número de colaboradores, todos moços dignos e estudiosos e cujos corações vibram com o enthusiasmo que lhes é peculiar”²⁵.

Nas vibrações dos corações dos “moços dignos” de *Fanal*, também há representações de amor que são transmitidas em seus textos, sempre da forma elaborada, com o que se escrevia dentro dos cânones simbolistas aos quais a maior parte desses escritores aderira. Em um texto de Leonidas Moura de Loyola, Carlos apaixonara-se por Lucy, “não por uma dessas impressões passageiras, que logo se desvanecem, mas doida, apaixonadamente”. Lucy, que inicialmente correspondera ao amor, era muito *coquette* e volúvel - devido a uma educação católica “que isola as pessoas mas provoca-lhes a curiosidade”. Desiludido, Carlos volta-se para os livros como forma de compensar a perda do amor, “para afugentar a mágua intensa que lhe ia na alma”. Carlos era um “Desilludido de Amor”²⁶.

Porém, como no caso d'*O Olho da Rua*, o momento de maior eroticidade está nas núpcias, onde o amor é exercido plenamente, em seus aspectos psicológicos e físicos, como no poema de Júlio Sena:

É pequeno e mimoso; está desfeito
O alvo lençol; e o níveo cortinado
Cae em pregas alvíssimas no leito
Neste leito de amor e de noivado

Ella dorme num sonno socegado
Pendido o braço artístico, perfeito
Do corpo a camisinha aberta ao peito
Deixa ver o contorno aprimorado

Entro de leve e ao lhe beijar a face
Ella se assusta, como se acordasse
De um sonho lindo e vae para fallar.

Porém, louco de amor, num arremeço
num longo beijo a boca lhe emudeço
.... e começamos ambos a sonhar.²⁷

²⁵ *Fanal*, Curitiba, a. I, n. 1, p. 1, 14/mai./1911.

²⁶ LOYOLA, Leonidas Moura de. “Desilludido”. *Fanal*, Curitiba, a. I, n. 3, p. 2, 15/jun./1911.

²⁷ SENA, Júlio. “Leito”. *Fanal*, Curitiba, a. II, n. 02,03, s./p., Mar.- Abr./1912.

As opiniões sobre amor e casamento - para ficarmos somente nesses dois aspectos - de diversos escritores impregnavam as páginas literárias de *Fanal*. Tasso da Silveira, por exemplo, conta a história de um casamento que, inicialmente feliz, após a morte da filha recém-nascida, tornou-se insuportável para mulher, pois o marido tornara-se alcoólatra. Silveira descreve o momento em que o marido, enternecido pelas memórias da felicidade da noite de núpcias e dos primeiros tempos do casamento, sente renascer seu antigo amor pela esposa, pedindo perdão e abandonando o vício²⁸. Manoel Lacerda Pinto fala sobre as impressões que o primeiro amor deixa em uma adolescente, colocando em seu caminho um jovem poeta que lhe rouba uma rosa do ramalhete e chama-a de Flora. Perturbada, a menina vai conversar com a mãe, tentando compreender o que sentia:

É um moço tão bonito, tem um olhar e uma voz tão suaves, que eu parei para vel-o e ele me levou uma rosa ... Desde esse momento senti as mãos frias e uma dôr ... não, não é uma dôr ... é uma coisa muito boa ... no coração. Não o posso esquecer; vejo-o em toda a parte e sinto um desejo imenso de estar junto dele. Tenho no coração a sensação de que levei um susto muito grande ... uma dôr boa, indescritível.

- Vae brincar, minha filha, procura uma distração.

E, pensando não ser ouvida pela filha, disse, um prolongado suspiro:

- É o amor, o desabrochar das primeiras rosas, a primavera do coração.

A menina ficou mais pensativa ainda e se foi, murmurando...

Primavera do coração? ... Desabrochar das primeiras rosas? Tenho então uma roseira no peito? O amôr ... Não devia haver espinhos nas rosas do amôr?²⁹

Concepções variadas de amor e casamento, coincidentes com seus colegas contemporâneos d'*O Olho da Rua*, no qual muitos deles também colaboraram, os escritores de *Fanal*, transmitiam noções de sua percepção do amor.

Exemplos de uma rica produção editorial, esses dois periódicos podem dar uma pequena idéia do ambiente intelectual em que os leitores da Biblioteca Pública do Paraná se situavam no período 1911-18. Além das revistas e jornais, esse período também é marcado por uma intensa atividade editorial, abrindo caminho para vários dos escritores locais que

²⁸ SILVEIRA, Tasso da. "A lágrima". *Fanal*, Curitiba, a. I, n. 08), p. 2, 15/ago./1911.

²⁹ PINTO, M. Lacerda. "Primavera do coração". *Fanal*, Curitiba, a. I, n. 11, p.1-2, 01/out./1911.

têm seus livros publicados, seja em Curitiba, seja no Rio de Janeiro, para onde alguns deles se mudaram.

OBRAS E IDÉIAS

Quais informações no início do século, os leitores de Curitiba podiam buscar nas páginas dos volumes da BPPR sobre sexo, amor e casamento? Este é o tema desta parte do trabalho. Há, contudo, algumas ressalvas a serem feitas.

Em primeiro lugar, seria errôneo supor que a BPPR fosse o único local onde poderiam ser encontradas tais informações. Curitiba, desde fins do século XIX, possuía ao menos uma outra biblioteca tão rica e tão variada quanto a BPPR: a biblioteca do “Club Coritybano”³⁰. Além disso, a partir de 1912, a Universidade do Paraná também teria sua biblioteca³¹. Isso, aliado ao grande número de bibliotecas particulares abastecidas por livrarias que importavam um grande número de livros e revistas da Europa, relativiza a importância que se pode atribuir à BPPR, mas, de forma alguma, a anula.

Segundo, efetivamente, a maior parte das consultas à BPPR era de livros de referência - dicionários, enciclopédias, histórias gerais, gramáticas -; de livros técnicos sobre química, física, geometria; e de literatura “ligeira” - romances, coletâneas de escritores, poesias completas. A importância da análise das obras e autores reside em seu tema e no fato de que a maioria de seus leitores as consultava intercaladamente com obras as mais diversas. Raros são aqueles que se fixam em um único tipo de obra, salvo alguns advogados mais dedicados.

Feitas essas ressalvas, vejamos algumas das idéias que estavam à disposição dos leitores da virada do século.

A MEDICINA: DR. PIERRE GARNIER

O médico francês Pierre Garnier escreveu o título mais diretamente explicativo da reprodução biológica humana que aparece nos registros de retirada da BPPR: *A geração universal*. O livro foi retirado 67 vezes por 40 leitores no período 1911-1918. Escrevendo principalmente a partir da década de 1870, o dr. Garnier teve uma produção bastante profícua, afunilando os temas de seus livros de forma significativa. Inicia com *O casamento nos seus deveres, suas relações e seus efeitos conjugaes*, em quarta edição em 1891; *A geração...*,

³⁰*Club Coritybano* V(03); 15/04/1894. p. 7-8

³¹UNIVERSIDADE DE PARANÁ. Relatório Geral da Universidade do Paraná. 1912.

Impotência física e moral no homem e na mulher, A esterilidade humana e o hermafroditismo e Onanismo, só e a dous sob todas as suas formas e conseqüências, todos reunidos sob o título geral de *Hygiene da geração*.³²

Em cada uma dessas obras o dr. Garnier busca dissecar os comportamentos sexuais de seus contemporâneos de forma absoluta. Ele descreve, critica, busca explicações sócio-psicológicas e prescreve as possíveis curas para uma miríade de “doenças e vícios” sexuais, desde a masturbação infantil até o bestialismo.

O casamento, para o dr. Garnier, é o espaço onde a sexualidade pode e deve ser exercida comedidamente, sem os excessos que causam males como a esterilidade. Esta última, aliada à impotência, é a “desgraça maior” do casamento, já que este não cumpre sua “função primordial da reprodução humana”³³. Da mesma forma, as práticas contraceptivas são condenadas como “immoraes [...] artificios voluntários, conhecidos sob o nome de prudência ou trapaça, que têm por fim frustrar a fecundação, tornando o coito incompleto”. Para Garnier, não se deve desviar o ato sexual de sua função primordial - a reprodução, e o único espaço em que ele é aceito é o do casamento³⁴. É nesse sentido que recomenda, contra os males do onanismo e da prostituição, o casamento como o grande remédio, particularmente para a mulher.

Garnier segue as definições de Tardieu para caracterizar o “histerismo” feminino, que pode levar ao vício de práticas onanistas. Recomenda, como solução básica para tais mulheres, o casamento. Quando porém, ele já não pode resolver, o vício já existindo de forma imbatível, resta a possibilidade da cauterização, num primeiro momento, ou da extirpação do clitóris. Garnier é adepto do lema “para grandes males, grandes remédios”³⁵.

De um modo geral, Garnier expressa uma noção mais ou menos generalizada de uma sexualidade feminina inferior. Contudo, as

³²GARNIER, P. *O casamento nos seus deveres, suas relações e seus efeitos conjugaes*. Rio de Janeiro: Garnier, 1891; _____. *A geração universal; leis, segredos e mysterios*. Rio de Janeiro: Garnier, 1889. /volume in 12o., de 563 páginas, com seis edições até 1889/; _____. *Impotencia physica e moral no homem e na mulher*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.; _____. *Onanismo so e a dous*; sob todas as suas formas e conseqüências. Rio de Janeiro: Garnier, 1901; _____. *A esterelidade humana e o hermaphrodismo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.

³³GARNIER. *Impotencia...* p. VI.

³⁴GARNIER. *A esterelidade...* p. 42.

³⁵GARNIER. *Onanismo...* p. 324.

manifestações dessa sexualidade - principalmente as masturbatórias - ou os resultados de sua repressão - histeria, impotência - são considerados grandes males a serem combatidos, como anomalias e desvios (e para tanto, incluem-se diversas outras práticas sexuais). O casamento é tratado como o *único* ambiente possível do exercício de uma certa sexualidade, exclusivamente voltada para a reprodução, ainda que Garnier conceda um certo grau de prazer nesse caso. Outros prazeres, ou mesmo o excesso de prazer dentro do casamento, devem ser combatidos.

A ETOLOGIA: SAMUEL SMILES

O inglês Samuel Smiles tem duas obras sobre comportamento humano - *O dever* e *O caráter* - consultadas na BPPR no período 1911-1914. Nesta, ele dedica todo um capítulo ao tema da “união no matrimônio” e da conformação do caráter. Smiles inicia caracterizando as diferenças de compleição física e de caráter entre homens e mulheres: a mulher sendo mais ligada à natureza, é “a ama natural da criança e a educadora da infância, é também guia e conselheira da mocidade e a companheira do homem”; o homem é mais forte e racional, mas “para formar no homem e na mulher um caráter são e bem equilibrado” é necessário um equilíbrio de ambas atribuições³⁶. Pregando um tal equilíbrio entre razão (masculina) e paixão (feminina), Smiles diferencia a atração sexual do “verdadeiro amor”, baseado na estima, no respeito e na admiração:

A verdadeira união deve ser fundada sobre as qualidades do caráter [...] Mas ainda há alguma coisa mais do que o respeito e a estimação entre marido e mulher. Há um sentimento muito mais profundo, mais terno, que nunca pode existir entre homens uns com os outros, ou entre mulheres.³⁷

Para Smiles, o casamento é a união entre amor e as “qualidades do caráter”. Ainda que em nenhum momento critique as práticas de casamentos “arranjados”, ele dá a entender que é o amor a base do casamento - e da família -, aliado ao respeito e à admiração.

De modo sintomático, quando se dispõe a dar uma definição precisa do casamento, Smiles faz uma interessante metáfora do ato sexual:

³⁶SMILES, Samuel. *O caráter*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d. p.380-1.

³⁷SMILES. p. 389.

Pela porta do amor o homem penetra n'um mundo novo de prazeres, de sympathias, de interesses humanos. Esse mundo novo é seu lar - esse lar propriamente seu - que em nada se parece com o lar da sua infancia, mas que traz todos os dias novos gozos e novas experiencias. Esse novo mundo também lhe traz muitas vezes novas dôres, novos pezares e é n'elle que encontra o seu melhor ensino.³⁸

O casamento é também, e acima de tudo, o espaço da justiça, que é a base de todos os outros sentimentos. A partir dessas definições, Smiles dá uma série de exemplos de casamentos felizes, onde houve simultaneamente amor e respeito, ou onde a dedicação de um cônjuge ao outro foi exemplar. Tocqueville, Burke, Bunyan, Livingstone, Washington, Lavoisier, John Stuart Mill, Faraday, Heine, Fichte e suas respectivas esposas, além de um número de nobres ingleses, têm as histórias de suas vidas matrimoniais utilizadas para exemplificar os ideais do autor sobre casamento e - afinal este é o tema do livro - caráter. Chama a atenção a semelhança das intenções desses exemplos com as “mirabilia” e vidas de santos da Idade Média, que buscavam comportamentos exemplares para toda a sociedade. Smiles faz o mesmo, partindo de premissas diferenciadas - o caráter é o signo da respeitabilidade e da cidadania.

A ANTROPOLOGIA: PAOLO MANTEGAZZA

O senador do reino da Itália e antropólogo, Paolo Mantegazza, é outro a ter suas obras consultadas na BPPR no período 1911-1918. Autor de uma trilogia sobre o amor escrita na década de 1880 - *Hygiene do amor*; *Physiologia do amor* e *O amor na humanidade*³⁹ - onde aborda questões éticas e morais sobre o relacionamento amoroso e a família, Mantegazza surge como um lúcido crítico do comportamento europeu do século XIX no tocante ao sexo.

Particularmente em suas comparações sobre as formas de comportamento sexual registradas pelos etnógrafos dos séculos XVIII e XIX, os relatos clássicos de Heródoto e de Tucídides, e suas próprias observações e julgamentos sobre a Europa de seu tempo, Mantegazza manifesta-se isento de um grande número de noções comuns a seus contemporâneos, sobre a sexualidade feminina e infantil. Mostrando um

³⁸SMILES, p. 390.

³⁹MANTEGAZZA, Paolo. *Hygiene do amor*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.; _____. *Physiologia do amor*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.; _____. *O amor na humanidade*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.

certo freudianismo *avant la lettre*, reconhece o desejo sexual na primeira infância e atribui à mulher um desejo tão intenso quanto o masculino - ao contrário da maior parte do pensamento médico/psicológico decimonônico, incluindo aí o dr. Garnier, que considerava o intenso desejo sexual na mulher como uma anomalia mental a ser tratada clínica, cirúrgica ou psicologicamente.

Ressalta, de sua obra, a crítica ao comportamento europeu no tocante às razões do casamento. Segundo ele:

O casamento, tal como existe hoje, é uma instituição corrompida que precisa ser profundamente reformada afim de poder voltar á sua dignidade natural.⁴⁰

Tal reforma, para ele, passava principalmente pelo fim de uma atitude hipócrita com relação ao sexo e à educação sexual, pela igualdade entre homens e mulheres, pela “livre escolha nos dous sexos” e pela “dignidade restituída ao casamento pelo divórcio, rodeiado de sensatas precauções”⁴¹.

Mesmo condenando qualquer casamento por interesses econômicos ou outros, ele faz algumas ressalvas:

Tomar mulher para enriquecer-se é vilania e fecunda fábrica de enganos.

Tomar mulher para empobrecer-se é estupidez e crime. Pôr no mundo proletários é uma das maiores responsabilidades que o homem possa assumir.⁴²

Assim, advogando a livre escolha, o divórcio regulado e o amor como base da felicidade no casamento, Mantegazza faz o elogio da monogamia e do respeito pela mulher dentro do casamento.

⁴⁰MANTEGAZZA. *Physiologia...* p. 322.

⁴¹MANTEGAZZA. *O amor ...* p. 432.

⁴²MANTEGAZZA. *Physiologia...* p. 336.

LITERATURA: AZEVEDO E QUEIROZ

Boa parte dos livros consultados na BPPR no período 1911-1918 é de obras de literatura brasileira e portuguesa do século XIX, com Aluísio de Azevedo, José de Alencar e Manoel de Macedo, dentre os brasileiros, e Eça de Queiroz e Alexandre Herculano, liderando a demanda, dentre os portugueses.

Verificar aqui toda essa imensa produção seria um esforço hercúleo e contraproducente. Desse modo, para ilustrar as múltiplas visões e opiniões às quais o “público leitor” delimitado pela pesquisa estava exposto ou, dito de forma mais adequada, podia expor-se, restrinjo-me a dois exemplos.

Aluísio de Azevedo, no conto “A serpente”, de 1893⁴³, narra a história de Manoel Fortuna, um alfaiate carioca cinquentão que, desde seus trinta anos, tinha em sua companhia D. Maria, inicialmente como governanta da casa e depois “quando deram por si, estavam unidos pela mais legítima ternura e estavam coniventes no mais perfeito pé de igualdade”.⁴⁴ Por insistência de seu compadre João Braz, os dois casam-se após vários anos de convivência pacífica e terna, apesar das desconfianças de Manoel Fortuna. Desconfianças que se provam já na tarde após a cerimônia, quando D. Maria, pela primeira vez, interrompe o gamão dos dois compadres de modo abrupto, agressivo. Fortuna comenta, meio aturdido: “Pode ser que me engane, e Deus o queira! mas suponho que para sempre me fugiu de casa a tranqüilidade”. De fato, alguns meses depois Fortuna pede, enfurecido, que Braz providencie o divórcio, já que este último organizara o casamento, pois “se me aproximar daquele demônio é para estrangulá-lo! não volto à casa! não quero ser assassino!”⁴⁵.

Já Eça de Queiroz, em *A cidade e as serras*⁴⁶, de 1900, mostra seu personagem principal, um *bon vivant* parisiense de origem portuguesa, enfronhado até a alma com a modernidade e seus signos. Ele está envolvido na vida de Paris e mostra-se desdenhoso com relação a todo o resto do mundo. Sua felicidade é encontrada somente nas terras de sua família na serra portuguesa, e no casamento com uma habitante local. Assim, ele se transforma numa espécie de benfeitor de toda a região.

⁴³AZEVEDO, Aluísio de. “A serpente”. In: _____. *Demônios*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954. p. 116-37.

⁴⁴AZEVEDO... p. 128.

⁴⁵AZEVEDO... p. 135-7.

⁴⁶QUEIROZ, Eça de. *A cidade e as serras*. Porto: Chardron, 1903.

O contraste entre as duas visões do casamento é flagrante. Enquanto Azevedo está próximo dos escritores curitibanos, indicados anteriormente, que vêem o casamento de forma pejorativa, Queiroz, opondo a cidade ao campo, estabelece uma mesma relação entre um certo mundanismo sensual urbano e a existência pacífica na serra, com uma família formada. Queiroz tem uma visão de espaço urbano como terreno da instabilidade emocional. Tanto o narrador quanto o protagonista envolvem-se em relações tumultuadas e fugazes com mulheres que já se encontram fora do mercado matrimonial. Para Azevedo, é exatamente esta possibilidade de instabilidade e de laços que podem ser desfeitos a qualquer momento, sem a intervenção das instituições, que pode proporcionar felicidade a um homem e uma mulher. Queiroz nega exatamente a possibilidade da felicidade em tais situações. Azevedo constrói o casamento como espaço da infelicidade; isto será reiterado em outras obras suas, onde o casamento é o fim das aventuras sexuais e amorosas. Queiroz faz o oposto, colocando no casamento a redenção de seu personagem e com o fim das aventuras instáveis que a Paris de 1900 possibilitava.

O LEITOR/ESCRITOR

Nesse ponto, cabe buscar como um leitor das obras comentadas acima poderia, em seus próprios escritos, dar algumas indicações sobre sua forma de lê-las. Tomo o caso do professor Raul Gomes (1889-1975).

O primeiro registro de consulta que fez à BPPR é de 15 de maio de 1911, quando tinha 22 anos de idade. Ele retira *A Igreja e o Estado*, de Saldanha Marinho. Anos antes - em 1907 e 1909 -, Raul Gomes escrevera artigos sobre pedagogia na revista do Grêmio dos Professores do Paraná, propugnando por uma escola que preparasse cidadãos “racionalistas” (ou seja, agnósticos ou, ao menos, críticos com relação à religião católica) e exigindo o cumprimento do *Regulamento Geral da Instrução Pública do Paraná*, por parte dos professores que davam folga a seus alunos em feriados religiosos, dizendo que já que “o pacto fundamental republicano [era] que o Estado não tem religião, óbvio que funcionários seguirem-n'a [respeitando os feriados católicos] é procederem inconstitucionalmente, é incorrerem em falta, passível de censura”⁴⁷.

A partir de 1914, Gomes consulta (lê ?) *As minas de prata*, de José de Alencar (em 03 e 04 de abril); *A geração*, do dr. Garnier (14/04);

⁴⁷GOMES, Raul. “A escola e o cidadão”. In: *A Escola II* (6/7): 94-5, jun./1907; _____. Assumptos pedagógicos. In *A Escola IV* (1): 23-6, jul/1909.

O mulato, de Azevedo (24/04); *Lendas e romances*, de Bernardo Guimarães; (06/05); *Le corps de l'homme*, de Gallet (07/05); *As minas de Salomão*, de Eça de Queiroz (12/05); e *A escrava Izaura*, de Bernardo Guimarães (15/05). Entre 19 de maio e 04 de junho, ele retira *As minas de Salomão* três vezes. Depois ele consulta *Um noivo e duas noivas*, de Manoel de Macedo (08/06); *A morte de Dom João*, do anticlericalista português Guerra Junqueiro (19/06); os contos do *Decameron* de Boccaccio, selecionados por Mendes Paes (26/06); *As aventuras de Telêmaco*, de Fenelon (27/06); novamente *Um noivo e duas noivas* (08/07); *Diva*, de José de Alencar (24/07) e a *Anthologia poetica*, de Candido de Figueiredo (28/07). Ele passa os meses de agosto e setembro lendo *As minas de prata*, de José de Alencar (8 retiradas), intercaladas somente com *O grande teatro*, do paranaense Alcides Munhoz (11/09). A seguir, *O moço loiro*, de M. de Macedo (3 retiradas até 03/10) e novamente *Diva* (23 e 24/10). A primeira consulta à *Hygiene do amor* de Mantegazza é em sete de novembro, seguida de mais duas em 16 e 21 de dezembro. Intercaladas estão as *Poesias* e as *Obras póstumas* de Gonçalves Dias (09 e 11/11, respectivamente); *Inocência*, de Taunay (13/11); *Diva* (30/11); *Obras célebres* (30/11) e *Obras completas* (03/12 e 17/12), de Castro Alves; e *Obra completa*, de Fagundes Varela (04/12)

Também em 1914, Raul Gomes publica *Instrução Pública no Paraná* e, em 1915, *Histórias rudes*, uma coletânea de contos que será abordada adiante⁴⁸.

Entre 1915 e 1918, Raul Gomes relê *A geração*, do dr. Garnier, em março de 1915 (duas retiradas) e em outubro de 1918. Relê também *A hygiene do amor* em agosto de 1916 e em julho/agosto de 1917. Ele consulta ainda *Ao correr da penna*, de José de Alencar (11/01/1915); *Prosas bárbaras*, de Eça de Queiroz (05/05/1915) e relê *O moço loiro* (14/10/1916).

No final desse período, ele tem três de seus livros publicados: *Acção e civismo*, *O milho no Paraná* e *A trigocultura no Paraná*⁴⁹. Além desses, Raul Gomes vai publicar mais de uma dezena de livros nas décadas seguintes, sobre assuntos tão díspares quanto trigo, Alan Kardec, ortografia, redação, história da literatura... Desse *corpus* vão nos

⁴⁸GOMES, Raul. *Instrução pública no Paraná*. Curitiba: S./ed., 1914; _____. *Histórias rudes*. Curitiba: A república, 1915.

⁴⁹GOMES, Raul. *Acção e civismo*. Curitiba: João Haupt, 1918; _____. *O milho no Paraná*. Curitiba: Globo, 1918; *A trigocultura no Paraná*. Curitiba: s./ed., 1918.

interessar particularmente o já citado *Histórias Rudes*, de 1915, e o romance *O desespero de Chan*, de 1926⁵⁰.

Histórias rudes é a primeira obra de ficção que o jovem professor publica. São contos publicados durante 1914 no jornal *A República* e reunidas em livro no ano seguinte. O tom geral dos oito contos do livro, ao contrário do que o título possa induzir ao leitor atual, é a associação de “rude” com interiorano, habitante dos Campos Gerais, ou distante de Curitiba. Neles, o autor demonstra didaticamente seus vários interesses e paixões. Primeiro, destaca-se uma crítica à agricultura tradicional de queimadas, através de uma apologia às técnicas agrícolas não-destrutivas, trazidas pelos imigrantes alemães. Em segundo lugar (ainda que não seja esta a ordem dos contos), defende sua profissão através de um personagem do conto “Vida limpa”⁵¹, um professor aposentado que foi perseguido na cidade onde trabalhava, a ponto de ser evitado por todos e de ser acusado de deflorar e engravidar uma de suas alunas. Desfeita a acusação, depois de uma descrição estereotípica de mandatários leigos e clericais interioranos - inclusive com alusões à exigências do *jus primae noctis* por parte dos mesmos - o professor é devidamente reconhecido pela população local (e pela elite), mas não pelo governo do estado que não o paga devidamente.

Em dois momentos Gomes alude ao casamento. Em um deles, de passagem, iniciando o conto em que faz a crítica à agricultura tradicional, ele escreve:

Em começo de 1880, o Sr. Caetano Silva, depois dum casamento feliz com uma das mais formosas senhoritas coritibanas, resolveu transportar-se para uma fazenda inexplorada.⁵²

Em outro, Gomes escreve sobre uma família cabocla com uma numerosa prole, e a última filha solteira em casa. Descreve também a moça de 18 anos. Chama-a de “vênus das selvas, nascida no rústico lar de dois caboclos sadios, cujo amor esculpira aquella mimosa creatura”⁵³. Maria é quem dava alegria à casa, ao mesmo tempo que se preparava para seguir os passos dos irmãos e irmãs. Ela estava “à espera do companheiro com quem, nas primaveras gloriosas, entoaria a doida paixão creadora e

⁵⁰GOMES, Raul. *O desespero de Chan*; narrativa romântica. Curitiba: Graphica Paranaense, 1926.

⁵¹GOMES. *Histórias rudes*, p. 65.

⁵²GOMES, p. 33.

⁵³GOMES. Assumptos pedagógicos, p. 25.

ajudaria a forrar o ninho com a paina macia e quente”⁵⁴. Quando anuncia seu escolhido, uma grande festa é organizada para celebrar o noivado. Infelizmente, um pretendente preterido e bêbado mata noivo e noiva na própria festa de noivado.

Em *O desespero de Chan*, romance ambientado na primeira década do século XX, Gomes conta a história do Tenente Benedito Villaça, médico e advogado negro que sofre, por causa de seu amor por Maria das Graças, menina de tradicional família luso-brasileira, todo o peso do preconceito. Desiludido, ele abandona o exército e monta um engenho de mate, enquanto Maria das Graças casa-se com um “cavalheiro”. Porém, o marido maltrata-a e infecta-a com “moléstias repugnantes”, mas mantém as aparências em público. Um marido que, segundo o pai de Maria das Graças, “tendo fortuna, sabia gozá-la. E tinha o fraco, lá isso tinha, de gostar de mulheres, e do jogo e do vinho [...]”⁵⁵

Benedito progride com o mate, enquanto Maria sofre o suplício nas mãos do marido e seus pais ignoram seu sofrimento. Ao comparar, através de uma personagem, o casamento de Maria das Graças com vários outros casos de “desditosas” que sofriam com seus maridos, Raul Gomes faz uma apologia do divórcio como o meio de solucionar uniões infelizes, rebatendo os argumentos de que a sociedade oferecia resistências. Maria das Graças separa-se finalmente do marido e muda-se para a periferia da cidade, onde emprega-se no engenho de Benedito como datilógrafa. Descobre-se que o ex-marido era bígamo e estava sendo procurado por vários crimes cometidos no interior do Paraná à época do Contestado. Processado e preso, o casamento é anulado. Resolvidos todos os problemas, ao invés de casar-se com Maria das Graças, Benedito retira-se para os Campos Gerais, onde mantém uma fazenda exemplar. Não se casou para não impingir a ela os problemas resultantes de ter um marido negro, não quis “torcer a sina de [sua] raça”, deixando todos os que conheciam-no decepcionados, pois esperava-se que se unissem em matrimônio - inclusive os pais da moça, que se opuseram ferrenhamente a tal união e que foram, por isso, os responsáveis pelo infeliz casamento.

Para Raul Gomes, o amor e o casamento estão intrinsecamente ligados na história de Benedito e Maria das Graças. O amor é definido como puro e edificante, não sendo compatível com paixões nem com interesses econômicos, como os que movem o marido de Maria das Graças. O conflito da obra reside, além do explícito no enredo, em uma

⁵⁴GOMES. *Histórias rudes*, p. 27.

⁵⁵GOMES. *O desespero...* p.116.

bipolarização de tipos distintos de caráter, Benedito e Maria das Graças sendo os donos de caracteres firmes e bons, enquanto o marido bígamo aparece como o catalisador de toda espécie de sentimento e atitudes que Gomes considerava imorais ou degradantes. .

Retomando o que Gomes escreveu em 1910, temos uma apologia a seu tempo de infância, tempo distante “em que éramos creanças e brincávamos innocentemente com loiras primas lindas, gordas e saudáveis, como restos de anjos chromolythicos...” Nesse período idealizado, as relações amorosas, em particular os primeiros amores, eram caracterizadas por uma “imorredoura amizade platônica”, entremeada pelo “fogo da sentimentalidade abrasadora, inebriante que nos encidida o peito que estuava, que arfava inquieto, vagamente desejoso...”⁵⁶

Ainda que preocupado em igualar os direitos da mulher dentro do casamento, concedendo que o casamento só possa ser realizado se houver amor de ambas as partes, Raul Gomes declara-se um ferrenho antifeminista, naquele mesmo ano de 1910, tecendo, em um longo artigo, uma bem articulada argumentação que procura mostrar como a questão do feminismo - e as feministas - são problemas externos: “felizmente para o Brazil, esta, como outras questões sociais, que se debatem até cruamente, nas velhas nações europeas, inda não transpuseram as suas fronteiras para chegar até o povo, e atiral-o a uma lucta medonha de interesses”. Ele descreve seu temor de ver “a veneravel dona dos lares calmos arvorada em uma *original* dessas que nos fala Nordeau, virages [sic.] pavorosas querendo nos substituir em todas as funções ou pelo menos fazer-nos concorrência...”. Ele faz ressalvas aos “talentos feminis que por ahi rutilam em magníficas produções litterárias, *eu* [sic.] *pendant* com os nossos bons escriptores”, dizendo que a mulher deve até aperfeiçoar seus conhecimentos, “desde que seja intelligente”. Contudo, o que ele pretende é retirar as mulheres do magistério, pois “si temos dessas liberdades para com as mulheres de verdadeiro talento, pensamos com o dr. Accyole do Ceará que ellas não se prestam a ser mentoras da infância como suas professoras. Denegamos o direito ás mulheres de ministrar não dizemos ás meninas, os conhecimentos elementares aos meninos”⁵⁷.

Em 1916, Gomes parece ter abrandado essa sua opinião, pois em uma crônica desse ano, ele admite que “todas as acções do homem, todo o seu trabalho, todo o seu pensamento, toda a sua vida tem um só escopo: servir a mulher”. A mulher, sem ser mais a terrível *original* que tanto o

⁵⁶GOMES, Raul. “Velho mote”. *Palladium*, Curitiba, a. II, n. 04, p. 5-6, 15/jul./1910.

⁵⁷GOMES, Raul. “Farpas”. *Palladium*, Curitiba, a. II, n. 11, p. 3-4, 15/mar./1910.

assusta, tem agora a função de coordenar uma emergente “hegemonia de luz, de subtileza, de encantamento” que ele identifica no mundo moderno. Ele conclui que, estando o mundo em um período de transição para a supremacia da moral, “na fraqueza da mulher residirá o império supremo do mundo”. Todas essas considerações são tecidas em torno de uma figura de mulher, capaz de atrair a atenção de todos à sua volta:

[...] Entrou [...], irradiante de formosura e de graça, senhoril e altiva, uma dama, dessas criaturas idealmente frívolas para quem a vida se resume na elegância, no prazer, na alegria.

O meu amigo voltou-se curioso para o ser de encanto sobre o qual convergiam os olhares masculinos presos de fascinação.

Contemplou-a, acompanhando-a até ella sentar-se sorridente, ao redor de uma mesa.[...].⁵⁸

Pode-se ver nessa mudança de opinião uma certa influência de Mantegazza, que também acredita na supremacia moral da mulher e que, como Gomes em *O desespero*, acredita que o divórcio seja uma solução às infelizes que não encontram amor no casamento. Dezesesseis anos separam Maria das Graças da *original*, pintada com cores bastante lúgubres, como “uma nota escandalosa no seio das sociedades particulares”⁵⁹. Gomes muda de opinião quanto às mulheres e seu papel na sociedade, talvez devido a uma melhor compreensão da mulher, com bases físicas e psicológicas, que ele poderia ter adquirido com suas leituras na BPPR, mas não somente lá.

Conclusões

Vimos aqui como os curitibanos - em particular alguns freqüentadores da BPPR - representavam amor, casamento e sexualidade em seus escritos. Alguns textos, como os de *O Olho da Rua*, satirizam o conceito de respeitabilidade burguesa inerente ao casamento e à estabilidade social que ele deve proporcionar em uma sociedade de fortes valores burgueses⁶⁰. Se considerarmos que a respeitabilidade é o freio aplicado à sexualidade e suas manifestações, no intuito de dar à burguesia um elemento que a diferenciasses das “promíscuas” classes baixas e da

⁵⁸ GOMES, “Os paradoxos de um celibatário”,... . p. 1.

⁵⁹ GOMES, “Farpas”... p. 4.

⁶⁰ PEREIRA, ...

“libertina” aristocracia⁶¹, podemos concluir que tais visões sobre casamento e amor conjugal talvez soassem terrivelmente perturbadoras de uma ordem vigente. O anticlericalismo dos autores dá conta apenas de uma parte dessa aparente subversão. Outros buscam idealizar o casamento por amor e glorificar o amor no casamento, excluindo qualquer relação que não esteja incluída nessa dicotomia. Outros ainda concedem ao prazer e à sexualidade um *status* quase independente, sendo regido não pela sociedade mas pelo prazer e pela felicidade do indivíduo.

É este o percurso que foi proposto. Saindo do ambiente cultural, boêmio e agitado em que viviam os jovens intelectuais do início do século, caracterizado pelo caso d’*O Olho da Rua*, buscamos as obras que informavam aqueles intelectuais e estudantes e tentamos identificar, no trabalho de um deles, algumas indicações de como poderiam ter lido aquelas obras.

Contudo, conhecer quais livros foram consultados não é, de modo algum, saber *como* eles foram lidos, por Raul Gomes ou por qualquer outro freqüentador da BPPR. Não se pode sequer afirmar veementemente que aqueles livros *foram* efetivamente lidos. Pode-se no máximo, sugerir algumas possibilidades.

Se considerarmos que, durante a provável elaboração de suas *Histórias rudes* (1914), R. Gomes estava lendo, entre outros, os livros de Garnier e Mantegazza, e que ele os consulta novamente várias vezes a espaços relativamente regulares de tempo antes de escrever *O desespero de Chan* (1926), somos quase forçados a crer que esses autores influenciaram-no de alguma forma.

Uma possível ligação com Garnier está na descrição que Gomes faz, em *O desespero...*, da Maria das Graças sífilítica, após ser infectada pelo marido e conviver longos anos com a doença. Pálida, magra, fraca, seus filhos tendo nascido mortos. Gomes utiliza-se de uma linha descritiva muito próxima da de Garnier para desqualificar o vilão de seu romance. O marido infiel que traz os males do mundo para sua casta esposa é o exemplo extremo do ser humano que indulge em demasia nos prazeres carnisais, prejudicando toda a estrutura do casamento em sua principal função: a de gerar filhos.

Mantegazza aproxima-se de Garnier em vários pontos dessa condenação, mas, ao contrário do médico francês, prega uma

⁶¹MOSSE, George L. “Nationalism and respectability; normal and abnormal sexuality in the nineteenth century”. *Journal of contemporary history*, v. 17, n. 02, p. 221-246. apr./1982. /Sexuality in history/.

reformulação profunda do casamento, com a instituição do divórcio dentro de limites rígidos que evitariam os abusos. Aqui Gomes sustenta argumentos suficientemente próximos dos de Mantegazza em sua defesa do divórcio. Maria das Graças deveria separar-se de seu marido e tentar desmascará-lo frente àquela mesma sociedade da qual ela e, principalmente, seus pais temiam a reação. É Benedito, a vítima por excelência do preconceito, quem vai encontrar as provas de sua redenção e da de Maria das Graças .

Benedito reúne em si, ao longo da narrativa, todas as qualidades de um “cavalheiro” do séc. XIX. Médico, advogado, militar, administrador, empresário, visionário, só tem contra si a cor da pele. Mesmo assim, é o grande exemplo do republicano respeitável. E, de acordo com George Mosse, a respeitabilidade era o nó górdio da identidade burguesa⁶².

Smiles coloca o respeito mútuo como ingrediente vital para o casamento. O marido/vilão de Gomes se fazia respeitar pela sociedade, mas não por sua esposa, a quem tiranizava. Mantegazza, Smiles e os autores d'*O Olho da Rua*, diferenciavam o “verdadeiro” amor da paixão carnal (diga-se, impulso sexual). Gomes mostra que o único casamento com chances de levar o casal à felicidade é o casamento por amor. O casamento por interesses, condenado veemente e repetidamente por Mantegazza, Queiroz, e Smiles, traz a absoluta infelicidade de Maria das Graças.

Contudo, quando Gomes faz alusões a casamentos por amor, ele não os coloca naquele espaço urbano que compartilhava com os escritores d'*O Olho da Rua*. Ele os remete para o espaço menos instável do campo, do interior. Em *Histórias rudes*, o Sr. Caetano Silva muda-se, com a esposa amada (e rica) para Guarapuava para desbravar a mata de um modo condenado por Gomes. Benedito busca a paz em uma fazenda nos Campos Gerais. A cabocla Maria, caso sobrevivesse, seria tão feliz quanto seus pais e irmãos. Talvez a morte de Maria e seu noivo sugira a dificuldade de se pensar a felicidade dentro do conceito de casamento que Gomes compartilhava com outros membros da elite intelectual local, como aqueles que escreveram em *O Olho da Rua*.

De um modo geral, não se pode - vale insistir - afirmar que Raul Gomes tenha efetivamente lido quaisquer das obras do modo visto neste trabalho. Há pontos de encontro que podem fornecer algumas pistas,

⁶² Ibid.

alguns indícios de elementos de suas leituras em seus escritos. Não esperávamos fazer nada além disso.

ABSTRACT

This article tries to understand turn of the Century reading related to male sexuality, trying to cross the readers of sexual education books (listed on the register books of the State Public Library - Curitiba, Paraná) with their own writings on the topic. It also tries to recover the representations of marriage made by writers in Curitiba at the time.

Key words: male sexuality; marriage; literature.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERBERI, Elizabete & RODRIGUES, Marília Mezzomo. *A “urbs” viciosa; a crônica está além da notícia*. Curitiba, 1992. Monografia, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.
2. CORDIOLLI, Marcos Antonio. O Olhar de um ponto diverso; as gêneses de um idílio: a trajetória de Dario Vellozo. *Boletim do Departamento de História*. Série Monografias 01; Mar./1989. / Projeto: “O viver em uma sociedade urbana - Curitiba, 1890-1920/.
3. DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história; novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
4. DEGLER, Carl. What ought to be and what was: women's sexuality in the nineteenth century. *The American historical review* 79 (5), dez/1974.
5. FLANDRIN, Jean Louis. *Families in former times; kinship, household and sexuality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
6. _____. *O sexo e o ocidente; evolução das atitudes e dos comportamentos*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
7. GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud; a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
8. _____. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud; a paixão terna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
9. HULL, Isabel, V. The bourgeoisie and its discontents: reflections on “nationalism

- and respectability”. *Journal of Contemporary History*, 17:(2):247-268. april,1982. /Sexuality in History/.
10. MACFARLANE, Alan. *História do casamento e do amor*; Inglaterra, 1300-1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
 11. MOSSE, George L. “Nationalism and respectability; normal and abnormal sexuality in the nineteenth century”. *Journal of contemporary history*, v. 17, n. 02, p. 221-246. apr./ 1982. /Sexuality in history/.
 12. PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Fazendeiros, industriais e não morigerados*; ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.
 13. SHORTER, Edward. “Illegitimacy, sexual revolution and social change in modern Europe”. *Journal of interdisciplinary history*, v. II, n, 02, 237-272, autumn, 1971.
 14. _____. *Naissance de la famille moderne*. Paris: Seuil, 1977.
 15. TYLOR, Peter. Denied the power to choose the good. Sexuality and mental defect in American medical practice. 1850-1920. *Journal of Social History*, 10(4):472-489. jun/1977.
 16. TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias*; mulheres de Curitiba na Primeira República. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.

